

UMA APRESENTAÇÃO RESUMIDA DE ALGUNS MUSEUS DE FLORIANÓPOLIS: ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA, MUSEU DE ARTE, MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA, MUSEU VICTOR MEIRELLES E MUSEU UNIVERSITÁRIO*

*Helenita Caldeira da Silva***

Este trabalho foi elaborado com auxílio do material informativo disponível nos museus e de entrevistas com seus profissionais, sendo parte da pesquisa: “Estudo e reflexão sobre as ações educativas desenvolvidas pelos museus e guias de turismo”¹.

O texto inicialmente foi distribuído para os guias de turismo que participaram da pesquisa, porém é desejável que ele possa chegar a todos os interessados em conhecer e divulgar estes espaços culturais.

* Florianópolis possui quinze museus, dados da Fundação Catarinense de Cultura (2000).

** Especialista em Museologia. UDESC.

¹ Monografia para obtenção do título de Especialista em Museologia. Modalidade Mercado de Trabalho da UDESC. Centro de Ciências da Educação. Departamento de Metodologia de Ensino. Orientadora Professora Eliane Veras da Veiga Pacheco.

Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catarina, não possui centros culturais e museus de grande porte, nem utiliza estratégias para dar vida à história e atrair grande público, como por exemplo o J. Getty Museum, Los Angeles (Califórnia - USA), o Metropolitan Museum of Art de New York (USA), o Louvre (Paris - França), Bilbao Guggenheim (Espanha), Museu Histórico de La Ciudad (Barcelona - Espanha) ou o Museu Dali, em San Petersburg, que usam propaganda agressiva ou são mundialmente conhecidos por sua tradição.

Nossos museus, porém, têm muito a oferecer ao seu público, cada um conforme sua especificidade. Podem ensinar sobre nossa cultura, nossa história e pré-história ao cidadão local e ainda satisfazer a curiosidade do turista que busca conhecer as nossas particularidades regionais. Florianópolis, além do seu patrimônio natural que a todos encanta, possui um rico

patrimônio herdado de seus primeiros habitantes, como a comprovação material do homem pré-histórico, assunto de estudo dos antropólogos, a cultura indígena de interesse de muitos pesquisadores e também a influência do colonizador açoriano e do negro africano que ainda hoje é encontrada, não só nos museus, mas também no cotidiano da cidade, em manifestações da cultura popular, na culinária, na linguagem, na arquitetura, na poesia...

Os museus em geral são visitados por muitas pessoas em todo o mundo, pelos seus acervos que contemplam os mais variados setores do conhecimento humano, podendo levá-los a refletir sobre o passado, o presente e o futuro.

ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA

Rodovia: Baldicero Filomeno, 10.106 -
Costeira do Ribeirão - Distrito do Ribeirão da
Ilha - Florianópolis - SC.

Fone: (0xx48) 237-8148.

Horário de visita: 3ª a 6ª das 9h
às 12h30min. Sábado, domingo
e feriado das 12h às 18h.

Ingresso: R\$ 2,00, com visita monitorada e
catálogo colocado à disposição do visitante
durante a visita ou para compra.

Orientador: professor Nereu do Vale Pereira.

Instituição mantida pela Fundação
Cultural Açorianista.

O museu possui uma casa do início do século XX, porém com uma arquitetura do século XVIII - colonial luso-brasileira,

identificada como típica açoriana por ter sido construída pelos descendentes dos colonizadores vindos do Arquipélago dos Açores. Na casa existe algum mobiliário e objetos variados, fazendo parte do conjunto quintal, jardim, pomar e horta. Do Ecomuseu fazem parte também um orquidário, um engenho de farinha típico da região após a chegada dos açorianos, sala da reserva técnica, sala para palestras, conferências, projeções de diapositivos ou filmes e onde se encontra uma exposição de objetos da cultura popular e da tradição do povo, bem como fotos antigas e mapas.

O museu tem por objetivo pesquisar, registrar, conservar e mostrar uma propriedade rural e o patrimônio natural de uma casa de moradia com unidade de produção, engenho de farinha e tear manual. Promove eventos culturais, como por exemplo: exposições, cursos e palestras relacionados com as referências culturais da localidade e participa de eventos comunitários, valorizando o patrimônio cultural do Ribeirão da Ilha.

Conta a história do imigrante açoriano e sua participação na colonização da Ilha de Santa Catarina. Destaca as contribuições culturais, suas tradições, espiritualidade, padrões morais, produção econômica, linguagem, culinária e manifestações da cultura popular. Todos estes elementos são formadores da identidade de seus descendentes e referência cultural da comunidade.

Neste local existe a "Pousada e Restaurante do Museu", onde os hóspedes são recebidos com hospitalidade e cortesia

próprias da índole do ilhéu quando recebe visitas em sua casa.

MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA - MASC

Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600 -
Agrônômica - Florianópolis.

Centro Integrado de Cultura - CIC.

Horário de visita: 3ª a 6ª das 13h às 21h.

Sábado e domingo das 17h às 22h.

Visitas monitoradas gratuitas de até

1h30min para grupos de 10 a 35 pessoas

podem ser agendadas pelo telefone: 333-2166 -

ramal 319 ou fax 333-0307 para atendimento

nos três períodos. São responsáveis por este

setor Christiane Castellán, Roseane Coelho e

Sônia Moro.

O Museu de Arte de Santa Catarina é uma instituição estadual vinculada à Fundação Catarinense de Cultura e encontra-se no Centro Integrado de Cultura - CIC, onde estão também o Cine-clube, Teatro Ademar Rosa, Espaço Lindolf Bell, Museu da Imagem e do Som e o Café Matisse, entre outras entidades. O MASC possui amplas salas, sendo uma delas climatizada para abrigar exposições de artes plásticas, onde acontecem eventos normalmente bastante diversificados. Tanto se pode conhecer as obras de artistas contemporâneos como apreciar uma exposição de um artista gráfico ou de um clássico por exemplo. Não é raro ocorrer mostras de mais de um artista no mesmo período em salas diferentes ou então mostras coletivas.

O MASC não é apenas uma sala de exposição, possui uma administração, um acervo de mais de 1.100 obras que compõem uma retrospectiva das artes catarinenses, além de uma significativa coleção da arte nacional, biblioteca, setor de pesquisa e documentação, setor de exposição/montagem e setor de arte-educação.

O núcleo de arte-educação congrega alunos desde a pré-escola até o terceiro grau, instituições, empresas e outros grupos em programas de visitas monitoradas, onde é feita a mediação entre as obras e o público. Para grupos espontâneos ou especiais de visitantes, a monitoria se propõe a informar e estabelecer um diálogo a partir do contato com as obras expostas com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a arte. O projeto Encontro no MASC - o artista fala de sua obra - é uma nova iniciativa que tem alcançado o sucesso esperado. O projeto Pesquisa e Ação Cultural é um trabalho contínuo desenvolvido pela entidade.

Encontram-se à disposição do usuário folhetos da programação do MASC e da apresentação do artista e sua exposição

O MASC conta com os apoios do Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (ATECOR), da Associação Amigos do Museu de Arte de Santa Catarina e de uma Comissão Consultiva, que dão condições de incrementar a realização de atividades culturais.

MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA PALÁCIO CRUZ E SOUSA

Praça XV de Novembro.

Horário de visita:

3ª a 6ª das 10h às 19h.

Sábado das 13h às 19h.

Domingo e feriado das 15h30min às 19h.

Ingressos: R\$ 1,00

Visitas monitoradas podem ser agendadas pelo telefone 221-3504, gratuito para escolares.

O Palácio foi construído para servir como sede do governo e moradia do Governador do Estado. Sua primeira planta atribui-se ao engenheiro militar Brigadeiro José da Silva Paes, o mesmo que aqui chegou com a incumbência de construir as fortalezas. Porém existem controvérsias a respeito desta construção, pois, segundo alguns pesquisadores, o projeto original foi simplificado. A data provável de sua construção varia entre 1750 - 1760.

Como sede do governo, o Palácio foi palco de jantares de cerimônia para hóspedes oficiais, visitantes ilustres como SS. Majestade D. Pedro II e a Imperatriz D. Teresa Cristina, bailes de gala, casamentos, nascimentos e outros acontecimentos como velórios, cerimônias fúnebres e até episódios como assaltos, tiros por grupos rebeldes e ocorrência de mortes. Existem ainda hoje vestígios de balas nas paredes do seu interior.

Poucos registros existem sobre as intervenções ocorridas no prédio durante mais de um século, como os reparos no teto ou paredes, repinturas, mudanças na

decoreção das salas, mobiliários e tapeçarias. Possivelmente uma boa reforma foi realizada para a visita do Imperador D. Pedro II e a Imperatriz D. Teresa Cristina em 1845.

Uma grande reforma que durou quase quatro anos foi realizada em 1895, no governo de Hercílio Luz, que contratou profissionais que vieram de Montevidéu. Supõe-se que a data de 1896 que aparece na frente do prédio seja a data prevista para a conclusão desta reforma.

O casarão colonial, pesado, com grandes paredes de fortaleza e largas janelas, transforma-se no século XIX, início do XX, num novo edifício estilo Corinto, modificado pela ornamentação própria das melhores construções da época.

O Palácio foi ampliado, elementos decorativos foram colocados na platibanda do edifício em todo o seu contorno como as 10 estátuas simbólicas, que foram modeladas no local pelo escultor italiano Gabriel SIELVA. Na fachada frontal à direita pode-se ver a figura de Mercúrio, representando o comércio; à esquerda a de Anfitrite, representando a vocação marítima do Estado, e a de Santa Catarina que dá o nome à Ilha e ao Estado.

Na frente, no alto está o Brasão das Armas da República, onde a estrela representa o Estado, a águia a força moral, intelectual e física do povo, a chave representa a posição política e geográfica (segundo Abreu Lima, "A Ilha de Santa Catarina é a chave do Brasil Meridional"), a âncora o gênio marítimo catarinense, o café e o trigo a riqueza agrícola do Estado. Outros elementos aparecem na fachada como um bloco em forma de cubo, e sobre

ele um livro aberto, tendo em cima dispostos de forma maçônica um esquadro, um compasso e um fio de prumo.

No interior foram realizadas alterações como a construção da cúpula por onde penetra a luz natural, melhorando a iluminação do recinto, as sacadas, a escadaria em dois lances, ambas revestidas com mármore de Carrara e os balaústres da escadaria que foram trabalhados na Itália, móveis, tapeçarias, estatuetas e papel para forração de paredes.

Desde 1954, quando foi inaugurado o Palácio da Agrônômica na administração de Irineu Bornhausen, o atual Cruz de Sousa deixou de ser residência oficial dos governadores.

No decorrer dos últimos anos reparos foram realizados como: restaurações de paredes, teto, substituição de telhado e várias repinturas.

O jardim e o lago artificial nos fundos do Palácio foram construídos na administração de Celso Ramos (1961-1966).

A grande descoberta no decorrer das restaurações foram as pinturas primitivas das paredes internas que estavam embaixo de mais de 10 camadas de tinta, eram quase todas estampadas e feitas a mão.

Entre 1977 - 1979, sendo Governador Antônio Carlos Konder Reis, foi realizado um grande trabalho de restauração por empresa credenciada pelo Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que procurou reconstituir as características originais e, desde então, passou a denominar-se Palácio Cruz e Sousa, em homenagem ao grande poeta catarinense. Em 1984 o prédio foi tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado e novas obras de restauração lhe devolveram as características originais da reforma realizada no governo de Hercílio Luz.

Atualmente o Palácio é um importante exemplo da arquitetura eclética do século XIX, caracterizando-se por apresentar uma mistura de estilos, no caso, principalmente o barroco (pelo grande número de elementos decorativos) e o neoclássico (colunatas e platibandas). Arquitetura de uma época que deve ser preservada para o futuro.

Além das características internas já citadas, destacam-se ainda o trabalho de marchetaria com influência portuguesa nos assoalhos, as pinturas das paredes e os detalhes de gesso no teto que têm os motivos relacionados com a antiga utilização das salas e o vitral em estilo arte nouveau da sala de jantar.

Do acervo do museu fazem parte o mobiliário, os utensílios, obras de arte e decoração que foram sendo adquiridas pelos sucessivos governadores.

Além da exposição permanente das salas do andar superior, o museu oferece espaço no andar térreo para exposições temporárias.

MUSEU VICTOR MEIRELLES

Rua Victor Meirelles, 59 - Centro.

Horário para visitas:
de 3ª a 6ª das 13h às 18h.
Sábado, domingo e feriado
das 15h às 18h.

Ingresso: gratuito para menores de 10 anos, maiores de 60 anos e grupos de professores e estudantes.

Oferece visitas monitoradas para escolares e grupos, sendo necessário agendar previamente por telefone (222-0692 / 222-0669) ou diretamente no museu.

Fax: (48) 223-0883.

E-mail: victormeirelles@iphan.sc.gov.br
<http://www.guiafloripa.com.br/victormeirelles>.

O museu está abrigado na casa onde nasceu o pintor, desenhista e professor de pintura histórica Victor Meirelles. Antigo sobrado construído no final do século XVIII que apresenta as características básicas da arquitetura colonial luso-brasileira para as construções comerciais, muito frequentes na Vila de Nossa Senhora do Desterro. Como era costume da época, as construções comerciais destinavam a parte superior para a residência da família, enquanto que no térreo ficava o armazém, no caso, do pai do artista, o português Antônio Meirelles de Lima.

A casa é tombada e administrada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1950 e museu desde 1952. Esta construção já passou por obras de conservação e restauração, sendo que a última intervenção ocorreu ao longo dos anos de 1991 e 1992. O Museu Victor

Meirelles possui um sistema de segurança, conservação e de preservação de suas obras segundo os padrões aceitáveis para o nosso clima posição geográfica, umidade e localização. Tem à disposição cartões postais com desenhos de Victor Meirelles para comercialização.

No andar térreo são montadas bimestralmente exposições de artistas plásticos contemporâneos para visitação pública.

O objetivo do museu é o de guardar, preservar, restaurar, adquirir e divulgar as obras do catarinense Victor Meirelles (1832 - 1903). Pintor e grande artista, uma das maiores expressões das artes plásticas do Brasil do século XIX e orgulho dos florianopolitanos. O museu possui obras significativas das diferentes fases da produção artística do pintor que mostram a trajetória e evolução do artista. Da sua "primeira fase", o museu possui duas obras executadas antes de sua ida para o Rio de Janeiro, aos 14 anos de idade, com o apoio da família e das autoridades, das quais ganhou uma bolsa para estudar na Academia Imperial de Belas Artes, onde mais tarde foi professor até ser jubilado. Estas pinturas retratam vários aspectos de sua cidade, pintadas a óleo e aquarela, hoje são referências iconográficas da então Vila de Nossa Senhora do Desterro. São elas: Uma vista da Baía Sul e Largo da Matriz. Já então demonstrava seu talento artístico e sua paixão pela paisagem e pela natureza.

Além dos estudos no Rio de Janeiro, estudou também na França e Itália, graças à conquista do prêmio "Viagem à Europa" pela

obra “João Batista no Cárcere”. Permaneceu no Exterior por nove anos, onde recebeu três prêmios por seus trabalhos.

Dentre as obras desta fase podemos citar “La Radeau de La Meduse”, “Mulheres Suliotas” e “Cristo sobre as Ondas”.

Na Europa produziu muitos trabalhos que enviava para a Academia de Belas Artes, como por exemplo, “A Primeira Missa no Brasil”, cópias de obras de artistas famosos, composições originais, desenhos e os estudos sobre trajes italianos e da anatomia humana, obras primas de pequenas dimensões, onde revela sua sensibilidade, conhecimento e competência. Dele foi dito “sua obra é verdadeiramente obra de arte”.

Ao voltar para o Brasil foi nomeado professor da Academia de Belas Artes, recebeu vários prêmios obtidos nas exposições que participou. Foi agraciado com o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa e com o Hábito da Ordem de Cristo pelo Imperador Dom Pedro II.

No seu período chamado “da plenitude” destacam-se: O Casamento da Princesa Isabel, A Morte, Retrato de Senhora e estudos para temas históricos, onde revela seu talento, sua singularidade, sua invergadura intelectual.

Victor Meirelles talvez seja o mais conhecido pintor brasileiro, graças, principalmente, à mais popular de suas telas “A Primeira Missa no Brasil”, que foi reproduzida em cadernos escolares, selos, cartões postais, cédulas monetárias, livros de arte, catálogos e revistas. Outras obras bastante conhecidas são: Combate Naval do Riachuelo. Passagem de Humaitá, Batalha de Guararapes e Moema.

Algumas obras e esboços do artista que pertencem ao acervo do museu ficam expostas para visitação no andar superior. Outras obras importantes do artista como telas, desenhos, aquarelas e guaches pertencem ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Viveu quase toda a sua vida fora de sua terra natal, mas ela pode ser reconhecida em várias de suas obras por aqueles que estão familiarizados com paisagens da Ilha e seus arredores. Preocupava-se em retratar a natureza da qual foi sempre um apaixonado. Já no fim da vida iniciou o que se chamou de “arte monumental”. Pintou três panoramas circulares - Cidade do Rio de Janeiro vista do Morro de Santo Antônio numa tarde de julho (1886). - Entrada da Esquadra Legal na Baía do Rio de Janeiro (1896) e o Descobrimento do Brasil (1900), todas com quase 37 metros de diâmetro, 115 metros de comprimento e 14 metros de altura. Como se quisesse divulgar entre todas as camadas da população as reais possibilidades da pintura (nesta época a fotografia estava sendo aperfeiçoada), foram expostas no Rio de Janeiro em suporte especial na atual Praça XV de Novembro. Embora os panoramas se perdessem, fruto do descaso das autoridades públicas, os “estudos” fazem parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes.

O artista perseguiu a perfeição das cores e formas, costumava realizar estudos antes de começar seus quadros. Como exemplo sabe-se que para a Batalha dos Guararapes um de seus quadros mais famosos fez quase 700 estudos. Teve uma formação acadêmica

eclética e possuía uma veia romântica e sentimental.

Victor Meirelles conheceu o sucesso e o reconhecimento. Viveu grandes momentos de glória, porém conheceu também o esquecimento, sendo despojado do que merecia pela sua grandeza e pelo que fizera pela cultura do País. Morreu no Rio de Janeiro aos 71 anos de idade, sem acumular fortuna.

MUSEU UNIVERSITÁRIO “PROFESSOR OSWALDO RODRIGUES CABRAL” - UFSC

Horário de visita: de 2ª a 6ª das 8h30min às 12h e das 14h às 17h.

Telefone: 331-9325, para informações e para agendar visitas monitoradas.

Local: Universidade Federal de Santa Catarina - Trindade.

Ingressos: gratuitos.

O museu foi criado em 1965 como Instituto de Antropologia. Em 1990 passou a ser denominado Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral em homenagem ao seu idealizador, fundador e primeiro diretor.

As salas destinadas às exposições não oferecem espaços apropriados que um museu requer. Um projeto adequadamente planejado aguarda verbas e apoio para tornar-se realidade.

Mesmo assim a entidade desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão em quatro setores de atuação.

1. Arqueologia - que estuda, gerencia e faz o mapeamento de sítios arqueológicos

pré-coloniais, locais onde viveram os primeiros grupos humanos que se tem notícias aqui na Ilha e arredores há mais de 4.500 anos. Entre os vestígios deixados por estes habitantes estão os sambaquis, os machados de pedras, pontas de flechas e os amoladores. Desenvolve projetos como: “O Povoamento Pré-Histórico da Ilha de Santa Catarina”, “As Oficinas Líticas do Período Pré-Colonial em Santa Catarina” e “Pesquisa Arqueológica no Rio do Meio em Jurerê”.

2. Etnologia Indígena - que desenvolve projetos, estudos e faz o mapeamento das aldeias e comunidades indígenas de Santa Catarina, os Guarani, os Xokleng e os Kaingang. Entre seus projetos estão: “América 500 Anos de Dominação”, “Do Descobrimento da América-1492 - ao Projeto Calha Norte: A interminável conquista do território Yanomani” e “A presença dos Mbyá - Guarani em Santa Catarina”. Do acervo do museu fazem parte também objetos de outros grupos indígenas brasileiros.

3. Cultura popular de base açoriana - que estuda os colonizadores, principalmente do litoral catarinense. Deste setor faz parte a coleção da Professora Elizabeth Pavan Cascaes, colaboradora e esposa do maior pesquisador da cultura popular da Ilha de Santa Catarina, Franklin Cascaes. São gravuras, manuscritos temáticos e esculturas em cerâmica que ilustram episódios da cultura popular e retratam o ilhéu em diferentes atividades do seu cotidiano. Hoje estes documentos são inestimáveis para se conhecer melhor nossas origens, os costumes e as tradições que até hoje são

cultivados pelos descendentes dos açorianos, como festas religiosas, brincadeiras, cantorias, danças populares, crenças que enriquecem a vida de nossa cidade. Também desenvolve a pesquisa da cerâmica tradicional e utilitária de base luso-açoriana e mantém uma oficina, onde se aprende e se fabrica em um torno manual peças utilitárias e se faz manualmente as mais variadas figuras, principalmente aquelas ligadas às manifestações da cultura popular. Outros projetos são: “Cultura popular de origem luso-açoriana e madeirense na Ilha de Santa Catarina”, “Projeto Marandubas Ilhoa, uma reunião de casos raros, fábulas e contos de mentirosos”, “Franklin Cascaes - Vida e Obra”. Neste setor funciona o Núcleo de Estudos Açorianos que realiza cursos, palestras e oferece orientação para o mapeamento das manifestações culturais de base açoriana no litoral catarinense.

4. Museologia - da qual faz parte a museografia que organiza exposições temporárias e itinerantes que visitam outras instituições educacionais e culturais. O setor de conservação, incluindo a reserva técnica, está empenhado nos projetos de construção do pavilhão de exposições, no de conservação das obras em papel do artista Franklin Cascaes e com a parceria da Fundação Catarinense de Cultura, através da Gerência e Funcionamento dos Museus do Estado de Santa Catarina, criou e lidera o Núcleo de Estudos Museológicos, de

abrangência estadual, que busca dinamizar as atividades educativas e culturais dos museus catarinenses. Promove cursos e palestras para orientar os profissionais dos museus na prática das técnicas básicas da museologia. O setor de Documentação e Informação, a Biblioteca e o Arquivo podem ser pesquisados nos setores de Arqueologia, Etmologia Indígena e Cultura Popular. Dos seus projetos podemos citar a elaboração de uma revista comemorativa dos 30 anos do museu, projeto das camisetas com imagens do acervo, produção de cartazes, cartões postais e o projeto “Lusco-fusco”, que se propõe a fazer leituras poético-políticas da obra de Franklin Cascaes.

Desde 1981 o museu recebe alunos de 1º e 2º graus, da Capital e arredores para visitas monitoradas. Atualmente dispõe das seguintes exposições para a visitação:

- painéis fotográficos e objetos que são os vestígios que confirmam a existência dos povos pré-histórico;
- painéis fotográficos, armas, cestarias, objetos decorativos e plumárias indígenas;
- exposição de brinquedos. Projeto em conjunto com o Centro de Educação da UFSC;
- olaria tradicional açoriana e figuras de cerâmica representando aspectos de nossa cultura popular;
- engenho de farinha de mandioca, canoas e outros instrumentos de pesca, tear manual e instrumentos agrícolas.

Possui também um patrimônio cultural móvel, como coleções arqueológicas e

etnológicas (indígena e de cultura popular).

Outras atividades desenvolvidas pelo museu são: a) cartilha ilustrada com jogos e atividades lúdicas, apresentando o museu, dedicada aos escolares; b) promoção de palestras, conferências, seminários, cursos extracurriculares, debates e exposições de âmbito nacional; c) aceita estagiários do Curso de História.

No museu pode-se encontrar para a

venda artesanato guarani, livros e fitas de vídeo com conteúdos históricos, camisetas e objetos decorativos com figuras inspiradas nas inscrições rupestres encontradas na Ilha, bem como objetos em cerâmica produzidos na oficina do museu e inspirados nas manifestações da cultura popular.